

A GRANDE JOGADA

MOLLY BLOOM

A GRANDE JOGADA

Tradução de Renato Marques



Copyright © 2014 by Molly Bloom

Todos os direitos reservados. Esta edição foi publicada mediante acordo com a HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL

Molly's Game: From Hollywood Elite to Wall Street's Billionaire Boys Club, My High-Stakes Adventure in the World of Underground Poker.

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

REVISÃO

Guilherme Bernardo
Ulisses Teixeira

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B616g

Bloom, Molly

A grande jogada / Molly Bloom ; tradução Renato Marques.
- 1. ed. - rio de janeiro : Intrínseca, 2018.
272 p. ; 16 x 23 cm.

Tradução de: Molly's game
ISBN 978-85-510-0289-6

1. Bloom, Molly. 2. Jogadores de pôquer - Estados Unidos -
Biografia. 3. Pôquer. 4. Autobiografia. I. Marques, Renato. II. Título.

17-45692

CDD: 920.9795412

CDU: 929:794.42-055.2

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a minha mãe, Charlene Bloom, que me deu a vida não apenas uma vez, mas duas. Sem seu amor intenso e seu apoio inabalável, nada disto teria sido possível.

SUMÁRIO

Nota da autora, 9

Prólogo, 11

Parte um

SORTE DE PRINCIPIANTE, 13

Parte dois

HOLLYWOODING, 59

Parte três

MARÉ DE SORTE, 105

Parte quatro

COOLER, 151

Parte cinco

UMA FICHA E UMA CADEIRA, 189

Parte seis

BARALHO FRIO, 235

Epílogo, 259

Nota da editora, 265

Agradecimentos, 267

NOTA DA AUTORA

As experiências e os acontecimentos narrados aqui são todos verídicos. Em algumas situações, alterei nomes, identidades e outros detalhes específicos de indivíduos para proteger sua privacidade e integridade, e sobretudo para garantir seu direito de contar — ou não — sua própria versão dos fatos, se assim o quiserem. Os diálogos que recrio aqui partem das nítidas recordações que guardo deles, embora não pretendam representar transcrições literais. Em vez disso, eu os recontei de maneira a evocar o verdadeiro sentimento e significado do que foi dito, de acordo com a essência, o tom e o estado de espírito legítimos das interações.

PRÓLOGO

Estou parada no corredor de casa. É muito cedo, talvez cinco da manhã. Uso um robe fino de renda branca. Um feixe bem forte de luz fluorescente ofusca minha visão.

— LEVANTE AS MÃOS BEM ALTO! — berra um homem.

O tom é agressivo, mas sem emoção... Ergo as mãos trêmulas, e meus olhos aos poucos se ajustam à luz.

Estou diante de uma muralha de agentes federais uniformizados, uma porção deles, amontoados em uma formação interminável. Eles empunham fuzis de assalto — armas que eu só tinha visto em filmes agora estão apontadas para mim.

— Venha em nossa direção, devagar — ordena o homem.

Há certa indiferença, uma ausência de humanidade nesse tom de voz. Percebo que eles acham que sou uma ameaça, o tipo de criminoso que foram treinados para prender.

— MAIS DEVAGAR! — alerta a voz, ameaçadora.

Ando com as pernas trêmulas, avançando um pé após o outro. É a caminhada mais longa da minha vida.

— MUITA CALMA, BEM DEVAGAR, NADA DE MOVIMENTOS SÚBITOS — adverte outra voz grave.

O medo toma conta do meu corpo, fica difícil respirar, e o corredor escuro começa a parecer um borrão. A possibilidade de acabar desmaiando me aflige. Imagino meu *négligé* branco coberto de sangue e me obrigo a continuar consciente.

Por fim, chego à linha de frente e sinto alguém me segurar e me empurrar com rispidez contra uma parede de concreto. Sinto mãos me apalpando e me

revistando, percorrendo meu corpo dos pés à cabeça; então, frias algemas de aço se fecham com vigor ao redor dos meus punhos.

— Tenho uma cachorrinha, o nome dela é Lucy, por favor, não a machuquem — imploro.

Depois de um momento que mais parece uma eternidade, uma agente grita:

— TUDO LIMPO!

O homem que me algemou me conduz até o sofá. Lucy vem correndo e lambe minhas pernas.

Dói demais vê-la tão assustada, e tento não chorar.

— Senhor — chamo, nervosa, o homem das algemas. — Por favor, o senhor poderia me dizer o que está acontecendo? Acho que deve ter havido algum engano.

— Você é Molly Bloom, não é?

Faço que sim com a cabeça.

— Então não tem engano nenhum.

Ele me mostra uma folha de papel. Inclino o corpo para a frente, os punhos ainda retidos pelas algemas às minhas costas. Não consigo ir além da primeira linha, escrita em letras pretas e garrafais:

OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA CONTRA MOLLY BLOOM

Parte um

SORTE DE PRINCIPIANTE

Sorte de principiante (locução substantiva)

O suposto fenômeno em que um novato no jogo de cartas experimenta o sucesso com uma frequência desproporcional.

CAPÍTULO 1

Durante as duas primeiras décadas da minha vida, morei no Colorado, numa cidadezinha chamada Loveland, 74 quilômetros ao norte de Denver, capital do estado.

Meu pai era um homem lindo, carismático e complicado. Trabalhava como psicólogo e era professor da Universidade Estadual do Colorado. A educação dos filhos era de suprema importância para ele. Se meus irmãos e eu não voltássemos para casa trazendo apenas notas A e B, estávamos em apuros. Dito isso, ele sempre nos incentivou a ir atrás dos nossos sonhos.

Em casa, ele era carinhoso, brincalhão e amoroso, mas, quando o assunto era o nosso desempenho escolar ou esportivo, exigia excelência. Era movido por uma paixão impetuosa, às vezes tão intensa que dava até medo.

Na nossa família nada era “recreativo”; tudo servia de lição para superar os próprios limites e ser o melhor possível. Eu me lembro de uma manhã de verão em que meu pai nos tirou da cama logo cedo para um passeio de bicicleta. O “passeio” acabou envolvendo uma exaustiva subida quase vertical de novecentos metros, a uma altitude de mais de três mil metros montanha acima. Meu irmão caçula, Jeremy, devia ter uns seis anos, e estava com uma bicicleta sem marcha. Ainda hoje consigo vê-lo com a língua de fora e quase colocando os pulmões pela boca, enquanto meu pai berrava feito uma fera enlouquecida, obrigando Jeremy e todos nós a fazer força e a pedalar mais e mais, sem direito a reclamações. Muitos anos mais tarde, perguntei ao meu pai de onde vinha tanto fervor. Ele parou para pensar: tinha três filhos adul-

tos que haviam superado muito toda e qualquer expectativa com que ele pudesse ter sonhado. A essa altura ele estava mais velho, menos enérgico e mais introspectivo.

— De duas, uma — respondeu ele. — Na minha vida e na minha carreira, vi o que o mundo pode fazer com as pessoas, ainda mais com as meninas. Queria que vocês tivessem as melhores oportunidades. — Ele fez outra pausa. — Ou pode ser que eu visse todos vocês como extensões de mim mesmo.

Minha mãe, por outro lado, nos ensinou a compaixão. Ela acreditava na ideia de tratar com bondade todos os seres vivos, e dava o exemplo. Minha bela mãe é a pessoa mais gentil e amorosa que conheci na vida. Ela é inteligente e competente, e em vez de nos instigar a conquistar e a vencer, nos estimulava a sonhar, e fazia questão de fomentar e facilitar a realização desses sonhos. Quando eu era bem pequena, adorava fantasias; logo, o Dia das Bruxas era meu feriado favorito, naturalmente. Todo ano eu aguardava ansiosa a data e pensava com carinho na representação de quem ou o que eu seria. Quando eu tinha cinco anos, fiquei indecisa entre uma fantasia de pata e uma de fada. Então, disse para minha mãe que no Dia das Bruxas queria ser uma pata-fada. Ela me fitou com uma expressão séria.

— Pois bem, você será uma pata-fada. — Ela passou a noite em claro costurando a roupa.

Eu, é claro, fiquei ridícula, mas o apoio incondicional que ela dava, sem qualquer julgamento, nossa individualidade nos inspirou a viver de maneira criativa e a forjar um caminho próprio. Ela consertava os carros, cortava a grama do jardim, inventava jogos educativos, criava caças ao tesouro, comparecia a todas as reuniões na escola e ainda encontrava tempo para estar sempre linda e receber meu pai com um drinque na mão quando ele chegava do trabalho.

Meus pais criaram os filhos de acordo com seus respectivos pontos fortes: meus irmãos e eu fomos norteados por sua combinação de energias feminina e masculina. A polaridade deles nos moldou.

Durante minha infância, nossa família ia esquiara todo fim de semana. Nós nos amontoávamos dentro da perua e fazíamos o percurso de duas horas até nosso apartamento de um quarto em Keystone. Pouco importavam as condições — nevascas, dores de barriga, dezenas de graus abaixo de zero —, éramos

sempre os primeiros a chegar à montanha. Meu irmão Jordan e eu tínhamos talento, mas Jeremy era um prodígio. Nós três logo chamamos a atenção do técnico da equipe de esqui local e começamos a treinar. Pouco tempo depois, já participávamos de competições.

Passávamos nossos dias de verão praticando esqui aquático, ciclismo, corrida e fazendo trilhas. Meus irmãos entraram em times das ligas infantis de futebol americano, beisebol e basquete. Comecei a participar de competições de ginástica e a fazer corridas de cinco quilômetros. Estávamos sempre em movimento, sempre treinando para nos tornarmos cada vez mais rápidos, mais fortes, ir além de nossos limites. E não nos ressentíamos de nada disso. Era o que a gente sabia fazer.

Aos doze anos, estava participando de uma corrida de cinco quilômetros quando senti uma dor aguda e uma forte sensação de ardência entre as omoplatas. Depois de ouvir uma primeira, uma segunda e uma terceira opiniões unânimes, fui encaminhada para uma cirurgia de emergência na coluna. Tive uma crise súbita de escoliose. Enquanto meus pais aguardavam, ansiosos, o transcorrer da minha operação, que durou sete horas, os médicos me abriram do pescoço ao cóccix e cuidadosamente endireitaram minha coluna (que parecia um S e fazia uma curva de 63 graus), extraíndo um osso do meu quadril, unindo e corrigindo as onze vértebras curvadas e prendendo com hastes, ganchos e parafusos de metal o segmento corrigido. Depois, meu médico me informou, em tom delicado mas firme, que minha carreira nas competições esportivas havia chegado ao fim. Ele começou uma ladainha enfadonha enumerando todas as atividades que eu não poderia fazer e explicou como uma pessoa pode levar uma vida bastante plena e normal, mas eu já tinha parado de ouvir.

Desistir do esqui simplesmente não era uma opção. Era uma atividade com raízes profundas na tessitura da minha família. Levei um ano me recuperando. Em vez de ir à escola, eu recebia educação formal em casa e tinha que passar a maior parte do dia na cama. Cheia de saudade e ansiedade, via minha família sair todo fim de semana sem mim; eu ficava sentada na cama enquanto eles desciam zunindo as encostas das montanhas ou iam para o lago. Tinha vergonha do meu colete e das minhas limitações físicas. Eu me sentia uma forasteira. Decidi, com um empenho ainda maior, que não deixaria a cirurgia afetar minha vida. Eu ansiava por me sentir de novo parte da família; queria o orgulho e os elogios do meu pai, não sua piedade. A cada dia

solitário eu me tornava ainda mais determinada a nunca mais ficar de fora, vendo a vida passar por mim. Assim que os exames de raios X mostraram que a cirurgia tinha sido um sucesso e que as minhas vértebras haviam sido unidas e estabilizadas, voltei para as montanhas, esquiando com uma vontade feroz; no meio da temporada, já estava vencendo provas na minha categoria. A essa altura, Jeremy tinha tomado de assalto o mundo do esqui de estilo livre. Aos dez anos ele já dominava o esporte. Jeremy também era um excepcional corredor e jogador de futebol americano. Seus treinadores disseram ao meu pai que nunca tinham visto alguém tão talentoso quanto ele. Jeremy era nosso menino de ouro.

Meu irmão Jordan também era um atleta talentoso, mas a mente era seu atributo mais marcante. Ele adorava aprender. Adorava desmontar as coisas e descobrir como montá-las de novo. Na hora de dormir, ele não queria ouvir contos de fada; queria histórias sobre personagens reais. Toda noite minha mãe tinha uma narrativa nova para ele, sobre grandes líderes mundiais ou cientistas visionários, e ela pesquisava os fatos e os amarrava em tramas envolventes.

Desde a mais tenra idade, Jordan sabia que queria ser cirurgião. Eu me lembro do bichinho de pelúcia favorito dele, o Sr. Cão. O coitado do Sr. Cão foi o primeiro paciente de Jordan, submetido a tantos procedimentos cirúrgicos que começou a ficar parecido com um Frankenstein. Meu pai ficava encantado com seu filho brilhante e ambicioso.

Os talentos e as aspirações dos meus irmãos manifestaram-se cedo, e eu via que esses dons lhes rendiam aplausos pelos quais ansiava desesperadamente. Eu amava ler e escrever, e quando menina passava quase todo o tempo em meio a livros e filmes e em minha imaginação. Na escola, durante os primeiros anos do ensino fundamental, não tinha vontade de brincar com outras crianças; era tímida e sensível e ficava acanhada perto delas. Então, minha mãe foi falar com a bibliotecária da escola. Tina Sekavic concordou em me deixar matar o tempo na biblioteca, e assim passei os anos seguintes lendo biografias de mulheres que mudaram o mundo, como Cleópatra, Joana d'Arc, a rainha Elizabeth e outras. (De início, tinha sido uma sugestão da minha mãe, mas eu logo fiquei fascinada.) Eu me comovia com a bravura e a determinação daquelas mulheres, e foi exatamente nessa época que decidi que não me resignaria a uma vida banal. Ansiava pelas aventuras; queria deixar a minha marca.

Quando meus irmãos e eu chegamos à adolescência, as façanhas acadêmicas de Jordan continuavam sobrepujando o desempenho dos colegas. Ele era dois anos mais novo que eu quando prestou exames de proficiência em ciências e matemática e obteve notas tão altas que decidiram mudá-lo de nível, e ele acabou sendo matriculado na minha turma. Jeremy quebrava recordes nas pistas de corrida, conduzia o time de futebol americano da escola ao título estadual e era um badalado herói local. Minhas notas eram altas, e eu era uma boa atleta — às vezes, ótima —, mas mesmo assim ainda não tinha revelado nenhum talento que fosse tão impressionante quanto os dos meus irmãos. Os sentimentos de inadequação aumentaram e me levaram, de maneira quase obsessiva, a querer provar meu valor.

À medida que ficávamos mais velhos, via meu pai investir cada vez mais tempo e dedicação nos objetivos e sonhos dos meus irmãos. Cansei de estar sempre de fora; eu também queria atenção e aprovação. O problema era o fato de eu ser uma sonhadora, inspirada pelas heroínas dos meus livros. Tinha ambições grandiosas, bem distantes do pragmatismo do meu pai. Mas ainda assim desejava a aprovação dele.

— O Jeremy vai ser um atleta olímpico, e o Jordan vai ser médico. O que eu devia ser, papai? — perguntei a ele certa manhã, num teleférico.

— Bom, você gosta de ler e discutir — disse ele, o que me soou como um elogio e também uma alfinetada.

Justiça seja feita, eu era mesmo uma adolescente chata que vivia questionando cada opinião que meus pais davam e cada decisão que eles tomavam.

— Você devia ser advogada.

E assim foi decretado.

Saí de casa para cursar a faculdade; estudava ciências políticas e ainda participava de competições de esqui. Num esforço para diversificar meu rol de interesses e habilidades, entrei para uma irmandade, mas quando os requisitos sociais obrigatórios daquele grupo de mulheres começaram a atravancar meu caminho e a impedir que eu alcançasse meus verdadeiros objetivos, desisti. Precisava me empenhar muito para conseguir boas notas e mais ainda para superar minhas limitações físicas no esqui. Eu estava obcecada pelo sucesso, era movida por uma ambição inata e, mais do que isso, por uma necessidade de receber elogios e reconhecimento.

No ano em que abocanhei uma vaga na equipe nacional de esqui dos Estados Unidos, meu pai me chamou para uma conversa.

— Não acha que é melhor se concentrar nos estudos, Molly? Quer dizer, até onde você vai com isso? Você já superou e muito qualquer expectativa que alguém poderia ter a seu respeito. — Embora ninguém jamais tenha dito, minha família basicamente havia parado de levar a sério a minha carreira de esquiadora depois da cirurgia.

Fiquei arrasada. Em vez de me olhar com o mesmo sorriso orgulhoso que havia mostrado a Jeremy um ano antes, quando meu irmão chegou à seleção nacional, meu pai estava tentando me dissuadir.

A mágoa serviu apenas para alimentar minha determinação. Se ninguém mais acreditava em mim, eu mesma acreditaria.

Naquele ano, Jeremy encerrou a temporada como o terceiro melhor esquiador do país na classificação geral. E, para a surpresa da minha família, eu também. Lembro-me de subir toda orgulhosa no pódio, com uma medalha em volta do pescoço, meu cabelo longo preso num rabo de cavalo.

Naquela noite cheguei em casa e ignorei a dor nas costas e no pescoço. Estava cansada de viver com dor e de fingir que ela não existia. Estava exausta de tentar me manter no mesmo nível do meu irmão superstar e, acima de tudo, cansada de ter que provar o tempo todo o meu valor. No entanto, eu tinha chegado à equipe nacional de esqui dos Estados Unidos e era a terceira melhor esquiadora do país. Estava satisfeita. Era hora de seguir em frente — agora nos meus próprios termos.

Eu me aposentei do esqui. A bem da verdade, não queria estar por perto para lidar com as consequências dessa decisão, embora desconfiasse de que, apesar do meu terceiro lugar, meu pai se sentiria aliviado. Para escapar, inscrevi-me num intercâmbio na Grécia. Imediatamente me apaixonei pela estranheza e pela incerteza de estar num país estrangeiro. Tudo era uma descoberta, um enigma a ser desvendado. De repente, meu mundo ficou muito maior, com assuntos mais importantes que buscar a aprovação do meu pai. Em algum lugar, alguma outra pessoa estava ganhando medalhas numa prova de esqui em estilo livre ou tirando nota máxima numa prova, mas eu, sinceramente, não dava a mínima.

Fiquei particularmente apaixonada pelos ciganos na Grécia. Quando penso neles agora, constato que não eram tão diferentes dos apostadores de pôquer — buscavam aventuras e novas formas de encarar as coisas, ignorando as regras e vivendo uma vida livre e desimpedida. Fiz amizade

com algumas crianças ciganas em Creta. Os pais delas tinham sido presos e mandados de volta para a Sérvia, por isso estavam sozinhas ali. Os gregos são bastante cautelosos em relação a estrangeiros, algo compreensível para um país com uma longa história de ocupação. Comprei comida para essas crianças e remédios para o irmãozinho recém-nascido delas. Eu arranhava um pouco de grego, e o dialeto cigano delas era parecido o suficiente para que a gente se entendesse. O líder do grupo ficou sabendo do que eu tinha feito pelas crianças e me convidou para ir ao seu acampamento. Foi uma experiência extraordinária.

Decidi escrever minha dissertação de mestrado sobre o tratamento legal conferido aos povos nômades. Foi triste saber que aquelas pessoas não tinham o direito de viajar livremente, como haviam feito por centenas de anos, e elas não contavam com defensores nem representação. Seu estilo de vida era totalmente livre, muito diferente da rotina que eu conhecia. Eles adoravam música, comida, dança e se apaixonar. Quando um lugar perdia a graça, eles se mudavam para outro. Esse grupo era contra a prática do furto, e em vez disso se dedicava à arte e ao comércio como meio de sustento.

Após o término do intercâmbio, passei três meses viajando por conta própria, hospedando-me em albergues, conhecendo gente interessante e explorando novos lugares. Eu era uma mulher diferente quando voltei para os Estados Unidos. Ainda dava importância aos estudos, mas passei a valorizar igualmente a experiência de vida e a aventura. Foi aí que conheci Chad.

Chad era um homem bonito, cheio de lábia, persuasivo e brilhante. Era um “negociador” meio picareta e cheio de rolos. Ele me ensinou sobre vinhos, levou-me a restaurantes caros e à minha primeira ópera. Ele ainda me deu uma porção de livros incríveis para ler.

Foi Chad quem me levou para a Califórnia pela primeira vez. Jamais me esquecerei do passeio de carro ao longo da Pacific Coast Highway. Eu mal podia acreditar que aquele lugar existia. Fomos à Rodeo Drive, almoçamos no Beverly Hills Hotel. O tempo parecia passar em câmera lenta, como se Los Angeles fosse um eterno dia perfeito. Vi muitas pessoas lindas e elegantes — todas pareciam bem contentes e felizes.

Los Angeles tinha uma aura quase onírica, uma terra de sonho que não era regida pela realidade. Eu tinha começado a reconsiderar meu plano de morar na Grécia, e Los Angeles solidificou meus pensamentos; eu ia tirar um ano de folga para ser livre, sem planos, sem estrutura, e simplesmente

viver. Até então eu havia perseguido o inverno (mesmo no verão, frequentava acampamentos de treinamento de esqui nas geleiras da Colúmbia Britânica) e os sonhos que, na minha opinião, meu pai tinha reservado para mim desde sempre. Estava empolgadíssima com a ideia de percorrer um caminho desconhecido. O curso de direito podia esperar. Seria apenas um ano.

Chad tentou de tudo para me convencer a ficar no Colorado, inclusive me dar uma linda filhote de beagle de presente. Porém, minha decisão já tinha sido tomada. Eu estava agradecida por tudo que Chad me dera — as ferramentas para iniciar uma vida nova —, mas não o amava.

Ele me deixou ficar com a cachorrinha, que recebeu o nome de Lucy. Ela era tão travessa e malcriada que acabou sendo expulsa de todas as creches para cães e aulas de adestramento e obediência que frequentou. No entanto, era doce, muito esperta, além de me amar e precisar de mim. Era bom me sentir necessária.

Por mais que eu tentasse explicar minha decisão, meus pais se recusaram a bancar meu hiato indefinido na Califórnia. Eu havia economizado cerca de dois mil dólares trabalhando como babá durante o verão. Tinha um amigo em Los Angeles, Steve, que fazia parte da equipe de esqui comigo. Ainda que de forma relutante, ele concordou em me deixar passar uma temporada curta dormindo em seu sofá.

— Você precisa de um plano — instruiu Steve ao telefone, quando eu já estava no carro pegando a estrada rumo a Los Angeles. — L.A. não é como o Colorado, aqui ninguém vai notar sua presença — alertou, tentando me preparar para a dura realidade do lugar. Só que quando coloco uma coisa na cabeça, nada nem ninguém é capaz de me dissuadir; isso tem sido um ponto forte, mas, às vezes, é uma enorme desvantagem.

— Aham — concordei, fitando o horizonte deserto, já no meio do caminho da minha próxima aventura.

Lucy, minha copiloto, estava dormindo.

— Qual é o plano? Você pelo menos tem um? — perguntou Steve.

— Claro, vou arranjar um emprego, desocupar seu sofá e conquistar o mundo — graciejei.

— Dirija com cuidado — disse Steve, dando um suspiro. Ele sempre foi avesso a riscos.

Desliguei o telefone e fixei meus olhos na estrada à frente.

Era quase meia-noite quando a Interestadual 405 começou a descer rumo a Los Angeles. A cidade era coberta de luzes, e cada luz tinha uma história para contar. Era muito diferente dos longos trechos de breu do Colorado. Em L.A., a luz sobrepujava facilmente a escuridão — representava um mundo inteiro esperando para ser descoberto. Steve havia preparado o sofá para mim e Lucy, e depois da nossa jornada de dezessete horas, desmaiamos de sono. Acordei cedo, e os raios solares fluíam pelas janelas. Levei Lucy para um passeio. A cidade tinha um cheiro divino, de claridade e flores, mas se eu quisesse ficar lá precisaria arranjar um emprego **IMEDIATAMENTE**. Tinha alguma experiência como garçõete, e a meu ver essa seria minha melhor aposta, já que poderia receber gorjetas na hora em vez de ter que esperar o contracheque semanal. Steve estava acordado quando voltei.

— Bem-vinda a L.A. — disse ele.

— Obrigada, Steve. Qual é o melhor lugar para conseguir um trabalho de garçõete por aqui?

— O melhor lugar seria Beverly Hills, mas é bem difícil. Toda garota bonitinha é atriz ou modelo desempregada, e todas são garçõetes. Não é como...

— Já sei, Steve, não é como no Colorado. — Sorri. — Como chego em Beverly Hills?

Ele me ensinou o caminho e me desejou boa sorte, com uma expressão cética.

Steve tinha razão; a maioria dos lugares que procurei não estava contratando novos funcionários. Eu era recebida com frieza por uma sucessão de lindas *hostesses* que, uma após a outra, lançavam-me um breve olhar de desdém e explicavam que o quadro de funcionário estava completo. Diziam ainda que eu até poderia preencher um formulário, mas seria perda de tempo porque já havia uma porção de outras candidatas.

Eu estava começando a perder a esperança quando entrei no último restaurante da rua.

— Oi! Vocês estão contratando? — perguntei, com meu sorriso mais largo, reluzente e esperançoso.

Dessa vez a pessoa à minha frente não era uma *hostess* esbelta e maliciosa, vestida com roupas perfeitas, mas um homem de quarenta e poucos anos.

— Você é atriz? — perguntou ele, desconfiado.

— Não.

— Modelo?

— Não! — disse, gargalhando. Eu tinha 1,63 metro em meus melhores dias.

— Há algum motivo que a faria ir para algum *casting*?

— Senhor, nem sei o que isso significa.

O rosto dele relaxou.

— Tenho uma vaga no turno do café da manhã. Você precisa estar aqui às cinco. E, quando digo cinco, quero dizer 4h45 da madrugada.

Abri um sorriso ainda maior para esconder meu horror diante desse horário terrível.

— Sem problemas — respondi, com firmeza.

— Está contratada — falou ele, explicando-me em seguida sobre o uniforme, que consistia em uma camisa social bem passada e bastante engomada, gravata e calça preta. — Não se atrase. Não tolero preguiça — avisou, e saiu andando a passos largos para repreender algum outro pobre funcionário.

Ainda estava escuro quando dirigi até o restaurante. Peguei emprestadas uma camiseta enorme e uma gravata de Steve. Eu parecia um pinguim obeso.

Meu novo patrão, Ed, já estava lá dentro, junto com outra garçonete. Havia apenas um cliente. Ele me mostrou o restaurante todo, explicando minhas atribuições e me informando, cheio de orgulho, que trabalhava naquele lugar fazia quinze anos — o que para mim significava que ele era praticamente dono do estabelecimento. Ed era o único a quem o proprietário dava ouvidos. O verdadeiro dono do restaurante era muito rico e importante, e se eu o visse não deveria jamais lhe dirigir a palavra, a menos que Ed me instruisse a fazê-lo. O proprietário tinha muitos amigos ricos e importantes, os *VIP's*, que deveríamos tratar como se fossem Deus.

Após o treinamento, Ed me despachou para servir um cliente.

— *VIP* — disse ele, em tom afetado e dramático.

Fiz sinal de positivo, tentando mascarar meu desprezo.

O cliente era um velhote fofinho.

Caminhei até a mesa dele com um sorriso radiante.

— Olá! Como está sendo sua manhã?

Ele levantou a cabeça, os olhos pálidos e aquosos me fitando de cima a baixo.

— Ora, ora, mas que belezinha. Você é nova aqui?

— Sou, é meu primeiro dia — respondi, sorrindo.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Imaginei mesmo. Vire-se — exigiu ele, desenhando um círculo no ar com um dedo ossudo.

Dei meia-volta e olhei para a frente do restaurante, tentando ver o que o homem queria que eu visse. Não havia nada digno de nota.

Olhei de novo para ele, confusa. Ele estava assentindo em sinal de aprovação.

— Gostaria que você fosse minha amiga especial — comentou ele. — Pago suas contas para você me ajudar — completou, dando uma piscadinha.

Eu estava absolutamente confusa, e meu rosto deve ter transparecido isso.

— Sou diabético. Não consigo nem ter uma ereção — explicou ele, para me tranquilizar. — Só quero atenção e afeto.

Minha expressão passou de confusa a perplexa. Ah, meu Deus, esse velhote com idade para ser meu avô estava me fazendo uma proposta indecente! Fiquei muito constrangida e senti o rosto pegar fogo. Queria dar uma bronca nele, mas a educação que recebi me ensinou a respeitar os mais velhos. Eu não sabia bem como lidar com a situação. Tinha que encontrar Ed.

Resmunguei uma coisa qualquer e saí às pressas.

Então me aproximei de Ed com o rosto em brasa.

— Ed, sei que ele é VIP e tal, mas... — disse e depois sussurrei no ouvido dele a proposta.

Ed me encarou com uma expressão vazia.

— E qual o problema? Achei que tinha explicado bem a política da casa em relação aos VIPs.

Olhei para ele, incrédula.

— Está falando sério? Eu NÃO volto lá, de jeito nenhum. Será que outra pessoa pode servir aquela mesa?

— Molly, não faz nem duas horas que você começou seu turno e já está causando problemas. Devia se considerar sortuda por um VIP ter gostado de você.

Senti um ódio incandescente me encher o peito.

Ed olhou para mim com um risinho de escárnio.

— Essa talvez seja a melhor oferta que vai encontrar aqui na cidade.

Saí correndo daquele restaurante o mais rápido que pude, mas as lágrimas caíram, incontroláveis. Enfiei-me dentro de um beco e tentei me recompor.

Ainda de uniforme, caminhei até o carro.

Um reluzente Mercedes prateado passou a uma velocidade alarmante e subiu na calçada à minha frente, quase me atropelando.

Perfeito. Tem como este dia ficar pior?

Um jovem bonito usando calças camufladas e uma camiseta com a imagem de uma caveira de cristal saiu do cupê, batendo a porta com violência e berrando ao celular.

Ele parou de gritar quando passei por ele.

— Ei, você é garçanete?

Olhei para meu uniforme.

— Não. Sim. Bom, quer dizer, eu... — respondi, tropeçando nas palavras.

— É ou não é? Não fiz uma pergunta difícil — insistiu ele, impaciente.

— Tá legal, eu sou.

— Fique aqui — ordenou ele. — ANDREW!

Um homem com avental de chef de cozinha saiu de um restaurante e veio até nós.

— Olha só, achei sua garçanete, então pare de choramingar. PORRA! Será que tenho que fazer tudo por aqui?

— Ela tem experiência?

— Como é que eu vou saber, porra? — vociferou o bonito.

Andrew suspirou e disse:

— Vem comigo.

Entramos num restaurante tomado por uma energia frenética: operários perfurando, martelando, polindo; o decorador dando um escândalo porque havia encomendado peônias rosa-perolado e não rosa-claro; *bartenders* abastecendo o bar, e garçons dando suporte quando necessário.

— Nossa abertura informal é hoje. Vamos inaugurar a casa para amigos e convidados. Falta pessoal, e a obra ainda nem terminou. — Ele não estava reclamando. Só estava exausto.

Segui-o até um belo pátio coberto de videiras, um oásis em meio ao caos. Sentamos num banco de madeira, e ele começou a sabatina:

— Como você conheceu Reardon?

Deduzi que Reardon era o homem assustador do Mercedes prateado.

— Hum, ele quase me atropelou — respondi.

Andrew deu um sorriso, como se me entendesse.

— Faz sentido. Há quanto tempo está em L.A.? — perguntou, em tom gentil.

— Há cerca de 36 horas.

— De onde você é?

— Colorado.

— Algo me diz que você não tem experiência com restaurantes finos e sofisticados.

— Minha mãe era professora de etiqueta e boas maneiras na minha escola, e aprendo rápido.

Ele gargalhou.

— Tudo bem, Colorado, tenho a sensação de que vou me arrepender, mas lhe darei uma chance.

— Qual é sua política em relação aos vips? — perguntei.

— Em Beverly Hills, todo mundo é a porra de um vip.

— Então, hipoteticamente, se um velho tarado me fizer propostas indecorosas, ainda tenho que servir a mesa dele?

— Chuto a bunda velha dele para fora.

Sorri.

— Quando eu começo?